

Sexta, sábado, domingo.

Só faltavam três dias para a partida.

As passagens já estavam compradas para a segunda-feira, às 9 horas da manhã.

O ônibus da Viação Aragarina levava duas horas pra ir da Cidade Livre até Santana das Antas.



Assim sendo,  
Mariana já podia  
imaginar o almoço que comeria  
quando chegasse na casa da vovó Creme.  
Doquinha, a cozinheira, botava o feijão no fogão de lenha,  
numa panela de ferro, às 7 horas da manhã. Ela  
dizia que feijão, pra ficar gostoso, tinha  
que cozinhar bem devagar.

Aa



anta

Bb



Belinda

Mm



Margarida



Mariana estava  
com muita saudade dos irmãos,  
Alexandre e Margarida, que tinham ido  
estudar lá em Santana das Antas.

Por isso ficava contando nos dedos os minutos  
que faltavam para a hora da viagem.

Contava os dez dedos das mãos,  
depois contava de novo e de novo.



Às vezes, Mariana ficava  
com raiva do tempo, pois quando tinha  
que esperar alguma coisa ele se arrastava  
que nem minhoca. E quando alguma  
coisa muito divertida estava  
acontecendo o tempo  
voava que  
nem avião.

Contava os dez dedos  
dos pés e contava outra vez.

Mas quanto mais ela contava,  
menos o tempo passava.

Então ficou imaginando:

“Se eu fosse uma centopeia, o tempo  
ia passar mais rápido, porque ao invés de  
contar os dez dedos das mãos e dos  
pés poderia contar os cem pezinhos.

